

- Avaliação da presença de uma equipe do Regional Sul do Cini junto aos guarani do litoral paulista, de julho/79 a março/83

A. Os objetivos dessa presença

B. Preparação/capacitação da equipe

B.1. Antes da liberação

B.2. Após nossa liberação

B.3. Estudos realizados após nossa vinda para Itanhaém

C. Nossa presença na região

C.1. No contato direto com os guarani

C.2. Outros aspectos do trabalho

C.3. Nossa atuação e as Linhas de Ação do Cini

D. Questões pessoais

E. Pontos positivos identificados na avaliação

E.1. A nível de Regional Sul

E.2. A nível de equipe de Itanhaém

F. Pontos negativos identificados na avaliação

F.1. A nível de Regional Sul

F.2. A nível de equipe de Itanhaém

G. Conclusão

Itanhaém, 11 de março de 1983

Avaliação da presença de uma equipe do Regional Sul do Cimi junto aos guarani do litoral paulista, de julho/79 a março/83

A. Os objetivos dessa presença

A.1. Obter a confiança dos diversos grupos guarani da região;

A.2. A partir da aceitação do casal pelos grupos, conhecer mais profundamente suas práticas culturais: língua, religião, tradições, organização social e condições de trabalho e subsistência;

A.3. Conhecer a situação jurídica das terras ocupadas pelos guarani e encaminhar possíveis soluções;

A.4. Despertar nos grupos a consciência da luta pela terra.

B. Preparação/capacitação da equipe

B.1. Antes da liberação

Quando ainda morávamos em Jacareí-SP começamos a preparar-nos para o trabalho missionário junto aos povos indígenas.

B.1.1. Leitura e arquivo de notícias relacionadas à causa indígena, desde 1976. Foi uma atividade que permitiu-nos maior conhecimento dos fatos ocorridos e das políticas indigenistas - oficial e alternativas.

B.1.2. Leituras recomendadas pelo Cimi Sul e Opan (Operação Anchieta). Não conseguimos um bom aproveitamento nessa prática, por dois motivos básicos: falta do hábito de leitura e escassez de tempo (trabalho na fábrica, na loja e na cantina da escola; gravidez; ocupação com crianças; etc). As leituras recomendadas, por outro lado, não despertaram em nós uma verdadeira motivação, talvez por nos parecerem muito teóricas à época.

B.1.3. Visitas à aldeia de Ubatuba, a partir de 1977. Na primeira vez fomos conhecer o grupo e fazer um levantamento de informações, atendendo a uma solicitação do pessoal do Cimi Sul. Acreditamos ter feito um bom trabalho, dentro das nossas naturais limitações. Valeu, ainda, como um primeiro contato com o grupo.

B.1.4. Curso de enfermagem, sugerido pelo pessoal da Opan e do Cimi Sul. Até hoje os conhecimentos adquiridos não foram utilizados.

B.1.5. Participação em encontros promovidos pelo Cimi Sul. O primeiro deles aconteceu em 1977, em Itanhaém: 1º Encontro Guarani. Foi o nosso contato inicial com o pessoal do Cimi (pessoalente), mas não pudemos aproveitar muito do encontro devido ao nosso total desconhecimento da situação do povo guarani.

Em 1978 viajamos para o sul, onde participamos da Assembléia Regi

cial do Cimi, em Cuapecó-SC, e do 2º Encontro Guarani, em Ijuí-RS.

Na Assembléia tivemos um contato maior com a realidade indígena regional e com as pessoas que atuavam junto aos grupos indígenas. As coisas já não eram tão estranhas para nós, e já nos localizávamos melhor dentro da questão indígena. Nessa oportunidade seria decidida a nossa liberação para o trabalho missionário, o que acabou não acontecendo.

O encontro de Ijuí serviu-nos como um rápido painel da realidade guarani em outros estados e no Paraguai.

B.2. Após nossa liberação

Saimos de Jacareí no dia 20/01/79, integrando-nos ao Cimi.

B.2.1. Curso de Indigenismo e 3º Encontro Guarani, em Dourados-MS, de 22 de janeiro a 07 de fevereiro de 1979.

O curso foi muito bom, mas estávamos um tanto "crusy" e não nos foi possível um melhor aproveitamento. Assim mesmo, porém, podemos dizer que o saldo foi bom, pois havia muitas informações novas para nós, mesmo que não acrescentassem nada aos mais experientes.

Também o Encontro Guarani foi muito amplo (Brasil, Paraguai, Argentina e Bolívia) para os nossos poucos conhecimentos. O fato de ser quase todo falado em espanhol contribuiu para aproveitarmos ainda menos.

De acordo com os planos traçados pelo Cimi Sul e Opan, voltaríamos de Dourados diretamente para Itanhaém, onde procuraríamos uma casa para alugar. Em seguida, deveríamos passar um ou dois meses estagiando em Xanxerê-SC, após o que seria feita nossa mudança para Itanhaém.

Infelizmente esses planos não deram certo, o que ficamos sabendo apenas em Dourados, entre o curso e o encontro. Isso causou-nos um certo prejuízo ao estado de espírito, esfriando um pouco o aproveitamento que poderíamos ter no Encontro Guarani.

B.2.2. Visitas às aldeias, em março/79.

Em companhia do Coordenador do Cimi Sul, Wilmar, e de uma antropóloga de São Paulo, Noemi, tivemos nosso primeiro contato com as aldeias do litoral sul paulista. O fato de Noemi conhecer a língua guarani facilitou um pouco essa nossa apresentação, pois houve por parte dos indígenas maior receptividade.

Após as visitas às aldeias, participamos de uma reunião do clero da Diocese de Registro, em Iguape.

B.2.3. Estágio em Xanxerê-SC, em março e abril/79.

Não foi bem aproveitado por não haver um programa de estudos e de atividades definido. Ficamos a maior parte do tempo nos serviços da casa e prestando alguma ajuda na Secretaria. Os poucos estudos que fizemos não nos foram recomendados.

Outro ponto que deve ser considerado: as crianças ocuparam-nos mu

to tempo (lavar fraldas e outras roupas, preparar mamadeiras, colocar para dormir, etc.), talvez por estarmos vivendo uma situação totalmente nova em todos os aspectos.

O aspecto positivo desses dois meses foi a sua condição de "ponte" entre a vida em Jacareí e a que iríamos levar em Itanhaém. Valeu como período de adaptação para nós dois.

Também foi positiva a conversa que mantivemos ao final desse estágio com Jura e Wilmar, sobre tudo que vivemos no período. Serviu como avaliação, embora estivesse voltada para o lado pessoal.

Durante alguns dias Jussara fez um estágio no Hospital local, que pouco ou nada adiantou, em termos de preparação para o trabalho a ser desenvolvido no litoral paulista.

Finalmente, o fato de não havermos visitado nenhuma vez alguma aldeia empobreciu o estágio.

Concluindo, acreditamos que esse período de preparação poderia ter sido enriquecido com: um programa de estudos; nossa participação nas discussões da equipe local constantemente; visitas às aldeias; avaliações do estágio, em equipe, durante e ao final do período.

B.3. Estudos realizados após nossa vinda para Itanhaém

B.3.1. Curso sobre a língua guarani, São Paulo-SP, 20/06 a 05/07/79

As aulas de língua (gramática e vocabulário), ministradas pela Basílica, proporcionaram-nos uma boa base, apesar de tratar-se do guarani que se fala no Paraguai.

A outra parte do curso, que seria dada pela Noemi - Cultura Guarani e Prática Indigenista -, praticamente não existiu.

B.3.2. Encontro "Guarani e a Terra", Itanhaém-SP, 24 a 28/03/81

Foi muito bom. Pudemos conhecer mais profundamente a visão que o povo guarani tem da terra que ocupa.

B.3.3. Curso de Linguística c/ Ruth Menserrat, Maricá-RJ, 01 a 15/10/81

Bom. Recebemos a base necessária para um bom estudo de linguística aplicada à língua guarani. Falta-nos aplicação nesse estudo.

B.3.4. Encontro com Paulo Freire, São Paulo-SP, 25 e 26/02/82

Correspondeu plenamente às nossas expectativas, num momento em que todos nós, do Regional Sul, procurávamos suprir nossa deficiência pedagógica. É claro que, por ser um encontro breve, não nos forneceu todas as respostas que buscávamos. Apontou-nos, porém, muitas pistas.

B.3.5. Jussara no COM, Caxias do Sul-RS, 12/09 a 07/11/82

Esse Curso de Orientação Missionária ajudou-a bastante, no questionamento do nosso papel na transformação do atual estado de coisas

Observações: Participamos de outros cursos, encontros e assembléias. Optamos, porém, por relacionar apenas aqueles que mais diretamente trouxeram contribuições ao nosso trabalho.

B.3.6. Estudos realizados em casa

B.3.6.1. Língua Guarani

Pelo tempo em que estamos em Itaquahém já deveríamos estar falando o guarani; principalmente considerando-se que já fizemos dois bons cursos a respeito, e que dispomos de um bom material para estudo.

Justara mostra maior interesse, mas falta-lhe método de estudo. Capucci mostra menor motivação, e também não possui método.

B.3.6.2. Cultura Guarani

Em relação à parte linguística, conseguimos maior eficiência, mas mesmo assim deixamos a desejar.

B.3.6. Considerações Gerais

Poderíamos, e deveríamos, ter obtido melhores resultados nos estudos realizados em casa, tanto de língua e cultura guarani como os demais: Antropologia, Educação, História, Economia, etc. Algumas das razões que levaram a esses resultados insatisfatórios são:

- a) Para se conseguir eficácia nos estudos é indispensável ter metodização e aplicação, e faltaram-nos essas duas qualidades;
- b) Falta, a nós dois, o hábito de leitura;
- c) As crianças prejudicaram bastante, devido à sua pouca idade, exigindo muito nossa atenção. Atualmente essa situação atenuou-se um pouco, por estarem frequentando a escola e por contarmos com alguém trabalhando conosco nos serviços da casa;
- d) As constantes viagens, para participação em cursos, encontros e assembléias, ou por outros motivos, prejudicaram o ritmo de estudo.

C. Nossa presença na região

C.1. No contato direto com os guarani.

C.1.1. Visitas às aldeias

Somos conhecidos por quase todos os guarani da região. Mesmo assim, a intensidade desse relacionamento varia de uma aldeia para outra. Em linhas gerais, temos o seguinte quadro:

- Itariri: Bom acompanhamento. É a aldeia onde temos presença mais marcante e frequente.
- Bananal: acompanhamento mais à distância. Em nossas poucas visitas passávamos quase todo o tempo na casa do então cacique Bento Samuel. Sendo uma área com presença da Funai, preferimos não estar tão presentes. Mesmo assim, porém, acreditamos que deveríamos tê-la acompanhado um pouco mais

- Rio Branco: Raras visitas. Pelo excesso de "borraçudos" na área não é possível levar as crianças, e quase nunca havia com quem deixá-las. Sempre voltamos para casa no mesmo dia, por isso apenas três vezes visitamos outras pessoas além das que moravam perto do cacique (o outro grupo de moradores fica a uma hora de caminhada).
- Silveira: não acompanhamos. Fizemos apenas algumas visitas esporádicas devido, principalmente, às dificuldades de acesso: cerca de 4 horas de carro e duas horas a pé. A situação das terras nos parecia ser idêntica à de Ubatuba, e pensamos em encaminhar o caso após a resolução daquele. Antes de dar algum ensaizamento jurídico, pensávamos ser necessário incentivar o aumento populacional da aldeia, que constituía-se apenas de uma família extensa.
- Ubatuba: bom acompanhamento. Conseguimos algum resultado no trabalho de conscientização a respeito do direito do grupo sobre as terras que ocupa. O encaminhamento jurídico desse caso está muito moroso mas, segundo a opinião do advogado responsável, Dr. Melhen, e do prof. Dalmo Dallari, isso tem um aspecto positivo para os guarani: aumenta o tempo em que estão ocupando a área.
- Barragem: não acompanhamos diretamente, por opção. Não há condições para desenvolvermos ali algum trabalho mais sério, devido ao enorme contingente de visitantes que a aldeia recebe, cada um com uma proposta de trabalho diferente. Deveríamos, entretanto, ter visitado um pouco mais esse grupo, pois ficamos afastados demais.
- M'Boi Mirim: acompanhamos à distância. Em termos de visitantes, o quadro é bem parecido ao da Barragem. Nesse contato, entretanto, é um pouco maior aqui, onde temos bom relacionamento com o cacique Gumercindo e outros guarani. Em nossa opinião - que o grupo conhece - a terra que ocupam é insuficiente (como "espaço guarani"), e deveriam mudar-se de lá.
- Aspecto geral: visitas esporádicas dificultam o acompanhamento da vida da aldeia e, conseqüentemente, a confiança no relacionamento.

C.1.2. Aprendizado da cultura, história e língua guarani

Durante as visitas às aldeias aprendemos muito sobre a vida guarani: organização social, situação econômica, história das migrações, vocabulário, agricultura, cosmovisão, etc.

Pudemos aprender mais profundamente diversos aspectos da cultura desse povo, chegando a participar de rezas, além de algumas danças e brincadeiras que fazem costumeiramente na "Casa de Rezas".

Fomos convidados algumas vezes a participar do "Mongarai", o "batizado" guarani, que é feito no início do ano. Evitamos atender a esses convites, por não termos clareza da importância que poderia ter, no nosso

relacionamento com o grupo, nossa participação no "Mongaraí". Além disso, não fazíamos a língua do grupo, nem conhecemos suficientemente sua cultura para sermos introduzidos em suas práticas mais íntimas, como o "batizado".

Assim pensando deixamos de participar, e hoje vemos que o nosso aprendizado sobre o grupo poderia estar mais adiantado com essa participação.

Apesar da falta de método, e das visitas não serem tão aníde, te mos aprendido razoavelmente a língua.

C.1.3. Nossa presença como elemento de educação

Nesse aspecto, nossa função seria a de passar ao grupo informações de que ele não dispõe, como:

A) Questões jurídicas:

Apesar do encaminhamento do caso de Ubatuba (podemos lembrar, aqui, também da aldeia do Ocoí-Jacutinga), e de iniciarmos com os guarani um processo de solicitação de informações sobre duas áreas (Itariri e Rio Branco) junto à Procuradoria do Patrimônio Imobiliário - PPI, o acompanhamento desses casos acabou ficando apenas por nossa conta. Os grupos, à exceção de um ou outro membro, não se interessaram em estar informados sobre o seu andamento. Podemos dizer, portanto, que nesse ponto não conseguimos cumprir a nossa função.

B) Necessidade de garantirem suas terras:

Em relação ao despertar e reforçar a consciência da luta pela terra, os maiores progressos ocorreram em Itariri, facilitados pela presença do cacique Antonio Branco, que já possuía essa consciência.

Em Ubatuba encontramos maiores dificuldades, devido ao relacionamento que o grupo mantinha com o pretense proprietário da área, benquisto por quase todos os guarani e tido como seu protetor. Outra dificuldade residia na grande distância de Itanhaém até lá, que impedia uma regularidade maior em nossas visitas. Houve, porém, o processo de usucapião movido pelo tal "protetor", que utilizamos para mostrar aos guarani que a área realmente não lhe pertencia, e que eles tinham direito à ela. Acreditamos que os resultados foram bons, mas podem melhorar ainda mais.

Em Rio Branco não conseguimos despertar quase nada. A falta de situações conflitivas contribuiu para isso, visto que os guarani costumam ser muito concretos nos assuntos que discutem. Por outro lado, as poucas visitas dificultaram-nos a descoberta de uma forma eficaz de tratar essa questão junto ao grupo.

No Bananal a presença da Funai, com sua política desenvolvimentista e divisionista, cria tal estado de desorganização e confusão no grupo que torna muito difícil a realização de um trabalho que vá em benefício da comunidade.

C) Alguns dados sobre a nossa sociedade:

Procuramos desempenhar o papel de "ponte" de caráter informativo entre a nossa cultura e a guarani. Nesse sentido, em nossas conversas procuramos fornecer-lhes uma visão um pouco mais crítica da nossa sociedade. A falta de estudos, organização e metodização desse trabalho impediu que tivéssemos a necessária eficiência.

D) Organização indígena:

Além da questão terra temos abordado constantemente, em nossa atuação, a necessidade de união e organização dos guarani, em particular, e dos povos indígenas em geral. Costumamos informar, em nossas visitas, sobre a situação de outras aldeias guarani e os conflitos e vitórias de outros povos. Essas informações geram boas conversas.

Incentivamos e apoiamos visitas de solidariedade de alguns guarani a outras aldeias do mesmo povo. Isso contribuiu para maior ligação de alguns grupos, e também como reforço para a consciência de Nação Guarani.

Vale destacar aqui também as Reuniões Guarani, que tratamos a seguir:

C.1.4. Reuniões Guarani

Estão contribuindo para despertar e reforçar a necessidade de luta pela terra, através do conhecimento das experiências vividas por outras aldeias guarani (participam representantes de vários estados).

Outra função a destacar é o reforço e/ou reavivamento de traços culturais e religiosos em diversas aldeias.

Contribuem, ainda, para a organização social dos grupos, através da discussão de assuntos como: alcoolismo, conflitos de terra, liderança religiosa, auxiliares de cacique, Funai, missionários, etc.

Quanto a nós, ampliou-se geograficamente o relacionamento com os guarani, o que permitiu que ficássemos conhecidos por grupos de outros estados, e identificados por eles como gente que acompanha esse povo e trabalha ao seu lado.

A interferência de outras pessoas, com outros critérios de trabalho e outros objetivos, prejudicou o caminhar dessas reuniões. Resolvemos, então, não estar presentes nas reuniões, para tentar que os demais brancos também não as assistissem, esperando, com isso, eliminar os problemas que já se faziam notar. Isso não ocorreu e, ao contrário, permitiu a essas pessoas maior espaço de atuação.

Erramos ao limitar nossa participação ao apoio econômico, não estando presentes nas reuniões, pelos seguintes motivos:

a) As pessoas que vinham interferindo ficaram com o campo livre para atuar. Sua proposta de trabalho é muito diferente da nossa, e sua prática é excessivamente paternalista, visando, principalmente, seus objetivos de pesquisa antropológica e "compra de simpatia", que em nada estão contribuindo para a autodeterminação do povo guarani.

- b) Essa não participação impediu-nos um melhor acompanhamento do caminhar dessas reuniões, dificultando-nos saber como e quando dar alguma contribuição nossa, e que tipo de contribuição poderíamos dar.
- c) Nossa participação seria um dos meios eficientes de conhecermos mais profundamente as práticas culturais guarani.
- d) Se tivéssemos participado de todas as reuniões, possivelmente gozaríamos de uma confiança ainda maior entre os guarani.

C.1.5. Projeto econômico em Itariri - junho/80 a maio/81

O seu desenvolvimento exigiu de nós uma presença mais efetiva na aldeia. Como consequência, estreitaram-se os laços de amizade e de confiança entre nós e a comunidade, tornando nossa relação um pouco mais profunda nessa aldeia. Isso permitiu-nos participar mais do seu dia-a-dia e conhecer melhor diversos aspectos da cultura guarani.

Este foi o principal resultado conseguido com esse projeto, superando os pontos negativos.

No transcorrer do trabalho discutimos bastante com o grupo os diversos problemas que se apresentaram, tentando mostrar os pontos de vista que orientam nossa prática.

C.1.6. Aldeia do Ocoí-Jacutinga

O acompanhamento desse grupo, no Paraná, prejudicou nosso trabalho junto aos guarani do litoral paulista, devido às diversas viagens que tivemos que fazer.

Por outro lado, enquanto missionários que atuam junto ao povo guarani, essa experiência foi para nós enriquecedora.

Outro aspecto positivo foi o relacionamento surgido entre esse grupo e o de Itariri, cujo cacique, Antonio Branco, acompanhou de perto toda a luta para se conseguir outra área para o pessoal que estava no Jacutinga (e participou dessa luta). Acreditamos que, com isso, ele compreendeu ainda mais nossas propostas de trabalho, passando mesmo a assumi-las e colocando-se a disposição para o que fosse necessário.

C.2. Outros aspectos do trabalho

C.2.1. Relacionamento com o pessoal de Igreja

No início, limitou-se a contatos esporádicos com o Pe. João Piber, de Itariri, com o Frei Mamede, de Ubatuba, e com o Pe. Luiz, de Itanhaém.

Hoje, nosso relacionamento com a Paróquia é bom, principalmente após a vinda do Pe. Ernesto Ferrero, desde o início interessado em apoiar nosso trabalho.

Mantemos, ainda, bom relacionamento com D. Aparecido, D. David, D. José Carlos (apesar dos poucos contatos), Pe. João Piber, Frei Neiss, e diversos leigos ligados à Igreja de Itanhaém.

C.2.2. Relacionamento com outras entidades

Deveríamos ter mantido maior contato com outras pessoas e entidades, como: antropólogos, Comissão Pró-Índio, Centro de Trabalho Indigenista, CEDI, etc.

Teria sido bom, também, um contato com pessoal que trabalhe na área de Educação Popular.

C.2.3. Relacionamento interno - Cimi

A nível regional, nosso trabalho sempre foi discutido com a Coordenação, sendo as questões mais importantes decididas em conjunto.

Houve momentos de profundo desgaste desse relacionamento, por ocasião das discussões sobre o acompanhamento efetivo do grupo guarani do Occeí-Jacutinga após a sua mudança. Esse desgaste prejudicou o desenvolvimento normal do trabalho do Regional.

Com o pessoal dos Regionais MS e Leste nosso relacionamento deveria ser mais estreito, devido à presença do povo guarani também naquelas regiões.

C.2.4. Composição da equipe

Sentimo-nos bastante limitados para um bom desenvolvimento do trabalho. Há tempos estamos desejando contar com mais alguém conosco, acreditando que essa presença poderá fazer com que nossa atuação seja melhor refletida, discutida, planejada e executada.

C.2.5. Recursos técnicos

Sempre concordamos com a idéia de que não se deve utilizar, no início do acompanhamento de uma aldeia, gravadores, filmadoras, máquinas fotográficas, etc.

Com o decorrer do tempo, no entanto, pouco utilizamos esses recursos, que poderiam ter contribuído, por exemplo, para um eficiente levantamento histórico da ocupação da região pelos guarani.

C.2.6. Metodologia

Talvez essa tenha sido a nossa maior deficiência ao longo desses quatro anos de atuação no litoral paulista.

Somos pouco eficientes no planejamento, organização e controle do nosso trabalho. Não conseguimos fazer e cumprir um programa de estudos e de visitas às aldeias.

C.3. Nossa atuação e as Linhas de Ação do Cimi

C.3.1. Terra

Apoiamos "decidida e eficazmente" o direito dos grupos à terra que ocupam (com exceção das áreas de Barragem e M'Boi Mirim). Isso pode ser confirmado pelo encaminhamento jurídico de algumas questões; na documentação obtida em nossas pesquisas; e nas conversas que mantemos com eles.

Não conseguimos, contudo, despertar suficientemente nos guarani - salvo exceções - a consciência desse direito.

Nas aldeias onde existe alguma clareza acerca desse direito temos tido dificuldades em mostrar-lhes a necessidade de defesa da área: conhecimento e vigilância dos limites; abertura e manutenção de picadas; etc.

A falta de um advogado mais engajado (ligado ao Regional ou ao Cimi em geral) impediu a necessária eficiência jurídica.

C.3.2. Cultura

Nossa prática tem sido de respeito à cultura indígena, da qual estamos em processo de conhecimento.

Temos apoiado iniciativas voltadas para o reforço dessa cultura, como as Reuniões Guarani.

Falta-nos elaborar e cumprir um programa de estudo da cultura guarani, através do material que possuímos (livros, textos, etc.).

C.3.3. Autodeterminação

Apoiamos, incentivamos e possibilitamos encontros de lideranças.

Entendendo a solidariedade como fator importante para reforçar os laços de união e o conceito de Nação entre os povos indígenas, temos incentivado e possibilitado visitas de apoio entre as diversas comunidades guarani. Ex.: tentativa de demarcação da aldeia de Itariri, com participação de pessoal de Ubatuba, Ocof, Caleiras; visitas do cacique de Itariri ao Ocof-Jacutinga (com sua mulher Angelina, já falecida) e à aldeia de Silveira; visita de Marçal e Carlos, do MS, ao Ocof; etc.

Também as Reuniões Guarani entram nesse contexto.

Acreditamos que a autodeterminação dos povos indígenas seja o objetivo maior do Cimi. Contudo, sentimos-nos pouco preparados para contribuir efetivamente para o alcance desse objetivo. Deve-se ressaltar, aqui, que o Cimi não tem preparado adequadamente seu pessoal para essa tarefa tão difícil.

C.3.4. Conscientização

C.3.4.1. Junto aos indígenas

O trabalho de conscientização dos indígenas é a parte essencial do processo de autodeterminação. Uma pessoa ou grupo só se autodetermina quando está consciente de sua situação.

Para que possamos desenvolver um bom trabalho é necessário:

- a) Conhecer bem o grupo com o qual trabalhamos: sua história, cosmovisão, língua, religião, nível de conhecimento da sociedade nacional, a realidade que o cerca, etc.;
- b) Saber identificar as questões que devem ser trabalhadas;
- c) Estar capacitado para trabalhar essas questões;

d) Iniciado o trabalho, avaliá-lo periodicamente e sistematicamente, contando com assessoria.

Considerando a importância da COLSCIENTIZAÇÃO dentro do nosso trabalho, achamos que o Cimi pouco a tem considerado na preparação de seus missionários. Vemos claramente, ao fazermos essa avaliação, que esse é o "calcanhar de Aquiles" do nosso trabalho.

A consciência da nossa limitação neste campo repercute negativamente em nosso estado de ânimo, muitas vezes gerando tensão e instabilidade. Várias vezes sentimos-nos oprimidos pela nossa incapacidade, chegando a questionar a validade dessa nossa presença.

C.3.4.2. Junto à população envolvente e pessoal de Igreja

Temos feito alguma coisa unicamente em datas comemorativas, por meio de Missas. Aos Bispos e Vigários temos enviado algum material.

Apesar da necessidade e importância desse trabalho, o tempo disponível é escasso demais para que possamos desenvolver um programa de conscientização da população envolvente.

C.3.5. Encarnação

A realidade indígena da região (7 grupos) e a forma de acompanhamento possível (visitas esporádicas) dificultam em muito a encarnação.

Sabendo da importância do conhecimento da cultura guarani para viabilizar-nos a encarnação, pecamos pelo pouco estudo a respeito.

Por outro lado, em nosso contato direto com os guarani temos conseguido bom aproveitamento no aprendizado de sua cultura.

D. Questões pessoais

O fato de a equipe constituir-se apenas de um casal (com 2 filhos pequenos) fez com que em diversas oportunidades problemas de relacionamento pessoal interferissem no desenvolvimento do trabalho e, em outras, discordâncias no trabalho afetassem o relacionamento familiar.

Acreditamos que a presença de mais alguém (uma ou, preferivelmente, duas pessoas) poderia dar ao grupo maior característica de conjunto. Assim, Jussara e Capucci poderiam sentir-se mais como parte integrante de uma equipe, com seus direitos e deveres, e isso faria com que, no trabalho, essa condição prevalecesse sobre a condição de casal.

E. Pontos positivos identificados na avaliação

E.1. A nível de Regional Sui

Do estágio que fizemos em Xanxerê deve ser ressaltada a característica de "ponte" entre o padrão de vida que tínhamos em Jacareí e aquele que víamos a ter em Itanhaém.

Ainda antes do nosso estabelecimento no litoral paulista, foi mui

to bem havermos tido o curso sobre a língua guarani. Isso facilitou-nos um pouco os primeiros contatos com os grupos.

Constituiu-se num marco na caminhada do Regional Sul a tomada de consciência da nossa incapacidade pedagógica e o início de enfrentamento dessa limitação. O primeiro passo concreto nesse sentido foi o encontro com Paulo Freire. Vemos que essa deficiência, comum a nós todos do Cimi Sul, vem sendo devidamente considerada.

E.2. A nível de equipe de Itanhaém

O aspecto mais favorável do nosso trabalho é o acompanhamento da aldeia de Itariri. A confiança obtida junto à comunidade permitiu-nos conhecer melhor a cultura guarani. Esse relacionamento apresenta laços mais fortes de amizade com o cacique, que vem entendendo nossa proposta de trabalho e mostra acreditar nela. Podemos dizer que nossa relação com o "velho Branco" é de assessoria mútua.

Vale lembrar que o projeto econômico que desenvolvemos na aldeia ajudou a viabilizar esse relacionamento, no momento em que exigiu nossa presença mais frequente junto ao grupo.

O estímulo às manifestações de solidariedade entre as diversas aldeias também merece ser lembrado com algo positivo.

Da mesma forma as Reuniões Guarani também foram eficientes, faltando-nos avaliar em grupo a participação do Cimi até aqui, para definirmos como encaminhar nossa atuação em relação a elas daqui pra frente.

Finalmente, a busca de assessoria indígena - Antonio Branco, Marçal e Carlos - também surtiu bons efeitos.

F. Pontos negativos identificados na avaliação

F.1. A nível de Regional Sul

F.1.1. Estágio

A falta de visitas às aldeias, de uma programação de estudos e de acompanhamento do trabalho da equipe local prejudicou o estágio. Esse prejuízo foi acentuado pela falta de avaliações durante e ao final do estágio.

F.1.2. Curso sobre língua guarani

Aceitamos a omissão da Noemi quanto à parte que lhe cabia no ensino da língua (mbya), em complementação à professora paraguaia.

O curso seria mais eficiente se fosse integralmente sobre língua guarani, pois as outras partes praticamente inexistiram.

F.1.3. Relacionamento interno

Posicionamentos assumidos durante as discussões sobre a presença do Cimi na aldeia do Ocoí, após a mudança dos guarani.

F.1.4. Assessoria jurídica

A falta de um advogado prejudica o encaminhamento de questões ju-

rídicas, pois ficamos na dependência da boa vontade de alguns profissionais, que nem sempre correspondem às necessidades do caso.

F.2. A nível de equipe de Itaniaém

F.2.1. Metodologia

Falta-nos planejamento e aplicação nos estudos de língua, cultura, Antropologia, História, Pedagogia, etc.

Essa falta de metodologia também se verifica nas visitas que fazemos às aldeias e nos demais trabalhos realizados em casa.

F.2.2. Reuniões Guarani

Nossa decisão de não participar mais durante as reuniões, acreditando que isso seria melhor.

F.2.3. Acompanhamento Ocoí-Jacutinga

Apesar de ser tão necessário, prejudicou-nos o trabalho em nossa região. Isso, porém, vale apenas como constatação, pois a única maneira dessa situação não se repetir é a maior disponibilidade de pessoal.

F.2.4. Relacionamento com outras entidades

Nosso relacionamento ficou limitado à Noemi e Cimi Sul. Estivemos "fechados" em relação a outros grupos, o que, politicamente, não foi bom. Além disso, deixamos de utilizar recursos tão próximos (São Paulo), que poderiam ter contribuído para melhorar a qualidade do nosso trabalho.

F.2.5. Relacionamento interno - Cimi

Considerando o aspecto de Nação Guarani, deveríamos ter contatos mais frequentes com os Regionais Leste e MS, para discussão e encaminhamento de certas questões comuns.

F.2.6. Da equipe

Falta de mais elementos para o trabalho.

Falta de pedagogia para desenvolver um trabalho eficiente de conscientização junto aos guarani.

Conhecimento insuficiente da língua, cosmovisão e cultura em geral dos guarani.

Também são ineficientes os conhecimentos de Antropologia, História, realidade nacional e conjuntura nacional.

Pouca utilização dos recursos técnicos disponíveis: máquina fotográfica e gravador.

G. Conclusão

Após essa avaliação da nossa atuação junto ao povo guarani podemos identificar algumas condições necessárias para melhorar a qualidade e eficiência do nosso trabalho:

01. Elaborar um programa de estudos e disciplinar-mo-nos para cumpri-lo.
 Considerando que a carência de conhecimentos é grande e o tempo disponível é escasso, optamos por um programa que enfrente as necessidades prioritárias. Assim, iniciaremos pela metodização do estudo de: Língua Guarani; Cultura Guarani; Pedagogia Libertadora; e História do Brasil.
02. Elaborar um programa de visitas às aldeias, definindo:
- a) periodicidade para cada uma das aldeias da região;
 - b) dos grupos que ainda não visitamos - Bracuí, Patrimônio, Parana-guá e interior de São Paulo - quais iremos contatar.
03. Aproveitar as oportunidades que surgirem para conhecer e/ou revisi-tar aldeias guarani de outras regiões.
04. Manter contatos mais frequentes com os Regionais Leste e MS, para co-nhecimento, discussão e encaminhamento conjunto de algumas questões co-muns. O primeiro passo nesse sentido deverá ser a realização de um encon-tro contando, ainda, com a participação do Mauro (Anaf-RS) e do Lothário (Coordenador do Cimi Sul) para discussão e avaliação das Reuniões Guarani.
05. Continuar incentivando e apoiando as manifestações de solidariedade entre os guarani. Incentivar a extensão dessas manifestações a outras na-ções indígenas.
06. Continuar buscando assessoria indígena para o enfrentamento de algu-mas questões concretas.
07. Procurar maior aproximação com pessoas, entidades e movimentos liga-dos a causas populares, especialmente à questão indígena. Dentro dessa proposta, utilizar os recursos oferecidos pela cidade de São Paulo.
08. Conseguir mais pessoas para aumentar a equipe de Itanhaém.
09. Adquirir um projetor de slides e um gravador adequados ao trabalho.
10. Buscar assessoria de pessoal especializado em Pedagogia Libertadora, para planejamento conjunto e acompanhamento de trabalho nessa área.

Itanhaém, 11 de março de 1983.

Jussara e Capucci